

## Sessão Mortalidade, Fecundidade e envelhecimento: o que esperar no futuro? Imortalidade? Descendências nulas?

A imortalidade, ambição inalcançável mas muito desejada, é tema que sempre suscitou o interesse da humanidade. Nunca até hoje vivemos tantos anos, com saúde e sem dependência.

Existirá um limite para o futuro da esperança de vida à nascença? Ou o progresso da ciência e da tecnologia no domínio da biologia e da medicina poderão determinar nova transição demográfica que alterará num futuro próximo o atual limite? Qual a idade extrema da vida humana?

Em 1991, Jacques Vallin interrogava-se, face a uma esperança de vida de 75 a 80 anos, se o Homem estaria no final de um período de transição, a concluir uma espetacular revolução demográfica iniciada alguns séculos atrás (Adolphe Landry) ou se, pelo contrário, deveria esperar, no futuro, progressos análogos aos verificados ao longo do último século.

No limiar do século XXI morre-se, no Japão, com uma idade média de 80 anos (homens) a 86 anos (mulheres) (WPD, PRB; 2012). Há um século, a esperança de vida em Portugal era cerca de 40 anos para as mulheres e 35,8 anos para os homens (INE); atualmente, os valores estimados rondam os 76 e 82 anos, respetivamente. No espaço de 100 anos, duplicámos o valor da nossa esperança de vida, ganhando 40 anos, em média. Permitirá uma grande evolução científica e tecnológica, na área da biologia e da medicina, adiar continuamente a senescência com esperanças de vida de 120 anos, ou mesmo de 160 anos no pressuposto de nova duplicação do valor da esperança de vida? Embora tais limiares não sejam plausíveis num horizonte temporal previsível, importa salientar que os valores escolhidos nos cenários de mortalidade, na generalidade das projeções de população realizadas no passado, terem ficado sempre aquém dos valores mais tarde observados.

Independentemente da longevidade que venhamos a atingir, não iremos deixar de ter filhos, apesar de o número de filhos que cada mulher deixa na população ter vindo a baixar continuamente. No entanto, descendências nulas só seriam possíveis se fossemos imortais. O valor do índice de fecundidade para Portugal é, atualmente, dos mais baixos do mundo, próximo de 1,3 filhos por mulher. Valores inferiores só se encontram na Coreia do Sul, Hungria e Bósnia-Herzegovina (1,2), ou em Taiwan e na Letónia (1,1).

O principal tema de reflexão centra-se no facto do número de filhos tido estar a ficar cada vez mais distante (ou não) daquele que é tido como ideal.

As tomadas de decisão de fecundidade dos casais são função das suas preferências e das suas circunstâncias de vida que condicionam e modificam as suas perceções do “ideal” ao longo do período fértil. A possibilidade dos casais poderem ajustar a fecundidade realizada à desejada é uma conquista em que assenta a construção da sociedade do futuro.

Pensar no presente a sociedade do futuro é fundamental para estarmos preparados e nos adaptarmos a uma nova realidade onde nascem cada vez menos bebés, adiamos cada vez mais o momento da morte e morremos quase todos mais próximo dessa idade limite.

Maria Filomena Mendes